

# 55.

## Configurações singulares do urbanismo da Casa XVI do Bairro Islâmico da Alcáçova do Castelo de Mértola

MARIA DE FÁTIMA PALMA

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA / BOLSEIRA DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA/FCT

### Resumo

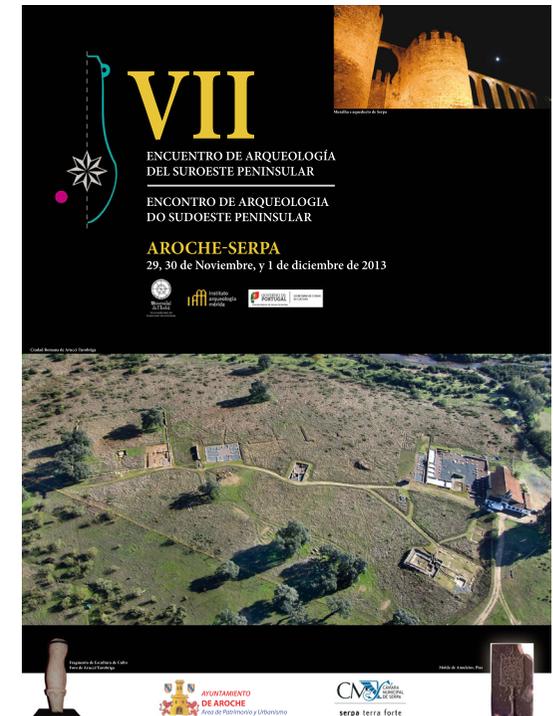
O Bairro Islâmico da Alcáçova do Castelo Mértola, escavado desde 1978, apresenta-se como um dos vestígios mais bem conservados e numa zona de investigação contínua. É dessa investigação, muitas vezes realizada em campanhas de escavações com voluntários, que nos foi possível colocar novos dados a descoberto. Desde 2011 que se tem vindo a intervir numa área, na zona sul da Alcáçova, junto à casa IX de onde surgiram recentes dados sobre a reorganização do espaço habitacional ao longo dos séculos XI, XII e inícios do XIII. Até ao momento conhecemos cerca de vinte casas, todas elas têm a mesma estrutura: um átrio dividia o exterior e o coração do lar, cujo centro era um pátio descoberto. Através dele, chegava-se a um ou vários salões, com as suas alcovas, à latrina e à cozinha, algumas vezes com áreas diferenciadas para a confecção e para o armazenamento dos alimentos. Deparamo-nos com um modelo de casa que parece ter predominado em todos os espaços urbanos do al-Ándalus ao longo dos séculos XI a XIII e cuja organização não conheceu grandes variações formais.

Contudo, este bairro continua a fornecer-nos informações sobre a sua reorganização durante a sua existência. É o caso da casa XVI que sofreu diferentes transformações. Originalmente tratou-se de uma grande casa, a maior até agora escavada e que terá sido por excelência a casa principal do Bairro, isto no que se refere à sua dimensão. Sofreu grandes transformações, na medida em que inicialmente foi dividida em duas casas e posteriormente, na fase final do bairro, em três habitações distintas.

Desta forma, o que apresentamos são as configurações singulares desta Casa XVI e as alterações realizadas e produzidas no urbanismo deste bairro.

### Abstract

The Islamic neighbourhood of the Alcáçova of Mértola Castle, excavated since 1978, presents itself as one of the best preserved of its kind, located in an area of continuous research. This research, many times undertaken in excavation campaigns with volunteers, made it possible for us to uncover new data. Since 2011 a new area has been under our intervention, in the south of the Alcáçova, near the house IX, from where new data was





brought to light on the reorganisation of the living spaces through the 11th, 12th and early 13th centuries. At this time around 20 houses are known to us, all of them sharing the same structure: a lobby divided the exterior and interior of the home, which had a courtyard in its centre. The lobby gives access to one or several halls, with its alcoves, to the latrine and to the kitchen, which sometimes has different areas for the preparation and storage of foodstuffs. This is the dominant model of home on all of the urban areas of the al-Ándalus from the 11th to the 13th centuries, a configuration that didn't acquire many formal variations.

However, this neighbourhood still supplies us with information on its reorganisation during the period of its existence. This is the case of the house XVI, which endured many transformations. Originally it was a large house, the largest known to us at this time, which must have been the main house of the entire neighbourhood, in relation to its dimensions. Initially it was divided into two houses and then, in the later stages of the neighbourhood, into three separate houses.

Therefore, what we present today are the singular configurations of the house XVI and the changes made to the planning of this neighbourhood.



## ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Os trabalhos arqueológicos em Mértola desenvolvem-se há trinta e cinco anos, sendo a zona mais alta o sítio inicial das investigações nesta pequena vila. A Alcáçova do Castelo de Mértola situa-se na área mais alcantilada do espaço intramuros, foi o centro militar e religioso (Fig. 1). No seu topo, o Castelo dominava a vila, aos seus pés, edifícios religiosos sacralizavam um espaço dominado pelos representantes do poder. Na vertente norte da encosta do Castelo, o possível *forum* da cidade romana cria uma plataforma artificial, suporte do mais imponente conjunto monumental da velha Myrtilis. Todo este espaço, aplanado artificialmente, assentava na muralha e numa galeria subterrânea, o criptopórtico, com cerca de 30 metros de comprimento e 6 de altura servindo de armazenamento alimentar e mais tarde de cisterna.

Na Antiguidade Tardia, foram erigidas sobre o criptopórtico um conjunto de sumptuosas construções religiosas. Entre estas encontram-se as ruínas de um baptistério do século V/VI, na altura revestido de mármore e rodeado por um belo conjunto de mosaicos policromos de que restam alguns fragmentos significativos. Os mosaicos apresentam uma rica figuração de animais e cenas de caça, com especial destaque para a representação de um cavaleiro caçando com um falcão e para uma composição de dois leões afrontados separados pela árvore da vida. Estes mosaicos contam com paralelos em edifícios religiosos do Mediterrâneo Oriental do século VI.

Durante o período muçulmano, Mértola foi um pequeno *hisn* que não perde importância nem protagonismo, especialmente a partir do século XI quando se torna capital de um pequeno reino “taifa” independente, primeiro com *Ibn Tayfūr*, e mais tarde, com *Ibn Qasī* que, em 1144 d.C., que se proclama líder espiritual e chefe político do reino. Durante as dinastias magrebina (Almorávida e Almóada), Mértola foi um destacado ponto estratégico, utilizado como quartel de inverno das tropas e como bastião de retaguarda contra as investidas dos cristãos do Norte.



Fig. 1 - Vista geral da Alcáçova do Castelo de Mértola

Ao longo deste período, muitas transformações foram introduzidas no interior da cidade. Na sua acrópole foi erguido de raiz um novo castelo, certamente para abrigar um corpo militar. Sobre os alicerces duma igreja paleocristã, foi edificada uma mesquita. Em vários pontos da cidade, as escavações revelaram habitações dessa época, como o bairro posto a descoberto no interior da Alcáçova.

Em época islâmica, no decurso dos séculos XI e XII, toda esta zona é ocupada por um bairro habitacional e na segunda metade do século XII um conjunto de obras públicas teve lugar na área a que chamamos hoje zona palatina (Fig.1). Nelas se incluiu um amplo programa de remodelação da Mesquita. Deste bairro conhecemos cerca de vinte casas, todas elas têm basicamente as mesmas estruturas: um átrio servia de mediação entre o exterior e o coração do lar, cujo centro era um pátio descoberto, com ou sem tanque. Através deste pátio, chegava-se a um ou vários salões, com as suas respectivas alcovas, à latrina e à cozinha, em algumas delas com áreas diferenciadas para a confecção e para o armazenamento dos alimentos.

Este bairro possui um bem delineado traçado de ruas e a concepção de sistemas de saneamento. A rede viária organizava-se, na extensão até agora posta a descoberto, em eixos delineados em linhas perpendiculares entre si. A área habitada era estruturada por duas ruas que delimitavam a alcáçova a norte e a oeste (Macias 2005). Este modelo de casa terá predominado em todos os espaços urbanos do Al-Ándalus ao longo dos séculos XII e XIII e cuja organização não conheceu grandes alterações formais. No entanto, não existem dois exemplares de casas iguais e as variações detectáveis são referentes às dimensões das casas, à qualidade da sua construção (tanto nos cuidados estruturais existentes como no que respeita aos materiais utilizados) ou à aplicação de elementos decorativos (Macias 2005).

Depois da conquista cristã de 1238, o bairro é completamente abandonado e o espaço que se foi aplanando é adaptado a cemitério aquando da cristianização da Mesquita que é transformada em Igreja, pela Ordem de Santiago. É nesta altura que este espaço, muito próximo da Igreja, começa a ser utilizado como cemitério. Este era um campo-santo, alargado e com alguma dimensão onde se sepultavam os entes queridos. Numa altura em que o estatuto e o poder económico diferenciavam aqueles que podiam pagar para serem sepultados junto da Igreja e aque-

les que teriam que ficar mais longe. Desta forma, era em torno das igrejas ou no seu interior que se enterravam os mais abastados. A matriz cultural da altura acreditava que quanto mais perto das igrejas fossem enterrados os corpos, estariam mais perto de Deus ou o seu caminho até ao firmamento seria mais célere. Esta necrópole terá tido um longo período temporal entre a época medieval e moderna, evidências comprovadas arqueologicamente pelas sepulturas escavadas as quais já ultrapassam as sete centenas. O aparecimento de moedas datadas entre o século XIII e finais do século XVIII, provenientes das sepulturas e das terras em volta, vem reforçar o que se supõe ter sido o espaço temporal de ocupação da necrópole cristã, ou seja, cerca de 500 anos de enterramentos desde a reconquista cristã até ao abandono devido à construção do novo cemitério na segunda metade do século XIX (Rodrigues *et al.* 2013). Se por um lado pensarmos que toda esta extensa necrópole se estabeleceu sobre o antigo bairro islâmico da Alcáçova, a ideia seria que o bairro estaria altamente destruído pelas inúmeras fossas de enterramento. Contudo, toda a sequência estratigráfica desde época romana foi preservada por esta necrópole, que por um lado foi factor de perturbação da estratigrafia, mas que por outro foi factor de conservação. Isto é, o contexto funerário com uma longa duração temporal não permitiu construções posteriores, as quais poderiam ter destruído os níveis estratigráficos mais antigos.

### **O BAIRRO ALMÓADA DA ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA**

Sobre o Bairro Almóada já diversos investigadores se têm vindo a debruçar ao longo de mais de 35 anos de investigações arqueológicas em Mértola, como é o caso dos estudos realizados por Santiago Macias nas suas teses de Mestrado e Doutoramento, bem como Cláudio Torres e Susana Gómez que ao longo dos anos tem vindo a dedicar os seus estudos a estas temáticas. Foi nesta zona da Alcáçova do Castelo de Mértola que se iniciou o Projecto de Mértola Vila Museu, a partir de uma escavação que trouxe logo imensos dados sobre a ocupação do sítio. Este é, por si só, um sítio emblemático da arqueologia realizada em Mértola, da investigação histórico-arqueológica bem como dos mais variados projectos que possibilitaram que esta vila fosse hoje largamente conhecida pelo seu património e pelos seus estudos.

Durante os primeiros séculos de domínio islâmico de Mértola, o que restava dos edifícios da Antiguidade Tardia fizeram deste espaço um lugar pouco acolhedor para quaisquer programas de obras, o qual teve de enfrentar os grandes desníveis e restos de construções muito resistentes. Para a construção do bairro houve obras de desmonte de muros, estruturas, movimentações de terras e muitos reaproveitamentos de mármore e granitos nas novas construções.

A escavação do Bairro tem-nos permitido observar que este não foi obra do acaso, ou até mesmo construído de forma desordenada como é hábito pensar aquando nos referimos a bairros islâmicos e pensamos logo nos atuais souks do Norte de África, ruas estreitas, bastante movimentadas e cheias de gente. A construção do bairro partiu de uma obra planeada, o que fez com que algumas das estruturas fossem traçadas de modo a que servissem simultaneamente várias casas, como é o caso das ruas, dos adarves e do saneamento das Casas I e II.

A estrutura das casas respondia a um conjunto de regras fixas que eram respeitadas independentemente do tamanho da casa ou das possíveis transformações que pudessem ocorrer. Todas as casas se articulavam ao redor de um pátio central descoberto ao qual se abriam as outras dependências da casa. O átrio servia de espaço de transição entre a rua e o coração da casa. Para além destas três dependências (pátio, átrio e latrina), a casa contava ainda com um salão que continha uma alcova, a cozinha que poderia estar dividida em dois espaços diferenciados, um para armazenamento e outra para confecção de alimentos. Algumas casas contavam com mais de um salão ou outros espaços de armazenamento secundários. No entanto, uma casa de maiores dimensões não implicava necessariamente mais compartimentos mas sim um maior tamanho dos mesmos (Macias 2005).

A construção das casas repete-se em todas as habitações, apenas com pequenas variações. As técnicas são as mesmas que são utilizadas em toda a área mediterrânica (como a taipa e o adobe) e cujo uso se prolongou, praticamente até aos nossos dias, em particular nos territórios mais a Sul de Portugal.

As paredes das habitações assentavam sobre um pequeno alicerce, por cima do qual se erguiam os muros das habitações. Muros em alvenaria até uma altura de 0,50m, construídos com blocos de pedras unidos com terra no interior, sobre os quais se erguia o resto da casa construída em taipa. O interior das ha-

bitações estava dividido por estreitas divisórias em adobe (0,20 m. de espessura). Nos pavimentos das diversas das escavadas podemos distinguir quatro tipos, argamassa (principalmente nos salões), as lajes de xisto utilizadas em diversos pavimentos dos vários compartimentos e nos pátios centrais, as tijoleiras eram a opção favorita para revestir os pátios, embora pudessem ser também utilizadas nos anexos das cozinhas ou até nas latrinas e por fim a terra batida, usada em qualquer casa desta região e poderia ser uma solução para pavimentar as cozinhas ou até o salão.

Quanto ao telhado das casas, este seguia os princípios das coberturas utilizados na arquitectura tradicional da região até há poucos anos atrás. Sobre barrotes alinhavam-se e pregavam-se as canas sobre as quais se dispunham finalmente as telhas de canudo, muitas vezes decoradas com meandros e dedadas.

As casas são mais pequenas do que outras escavadas noutras cidades do al-Andalus do mesmo período, o que deixa talvez antever a exiguidade do espaço disponível. O modelo das habitações segue, a uma escala modesta, os padrões das casas urbanas de então, sendo interessante notar que se conjugam aqui a cópia de modelos sofisticados com soluções que são próprias ao meio rural (Macias 2005).

### **AS RECENTES ESCAVAÇÕES**

Durante cerca de uma década, entre 2000 e 2010, os trabalhos arqueológicos na Alcáçova do Castelo de Mértola caracterizaram-se por pontuais intervenções, de carácter vigilante e de pequenas intervenções de musealização realizadas no local em 2008. Só no ano de 2010 se retomaram os trabalhos arqueológicos de carácter contínuo, sobretudo com campanhas de escavação realizadas nos meses de verão, com a presença de voluntários de várias universidades do país, bem como de Espanha e Tunísia, para além dos técnicos do CAM. Estas campanhas possibilitaram a continuidade dos estudos sobre o local, completando, sobretudo, alguns dados como iremos ver. Desde 2011 que se tem vindo a intervir uma área, na zona sul da Alcáçova, junto à casa IX onde surgiram recentes dados sobre a reorganização do espaço habitacional ao longo dos séculos XI, XII e inícios do XIII.

Até ao momento conhecemos cerca de vinte casas, todas elas com a mesma es-

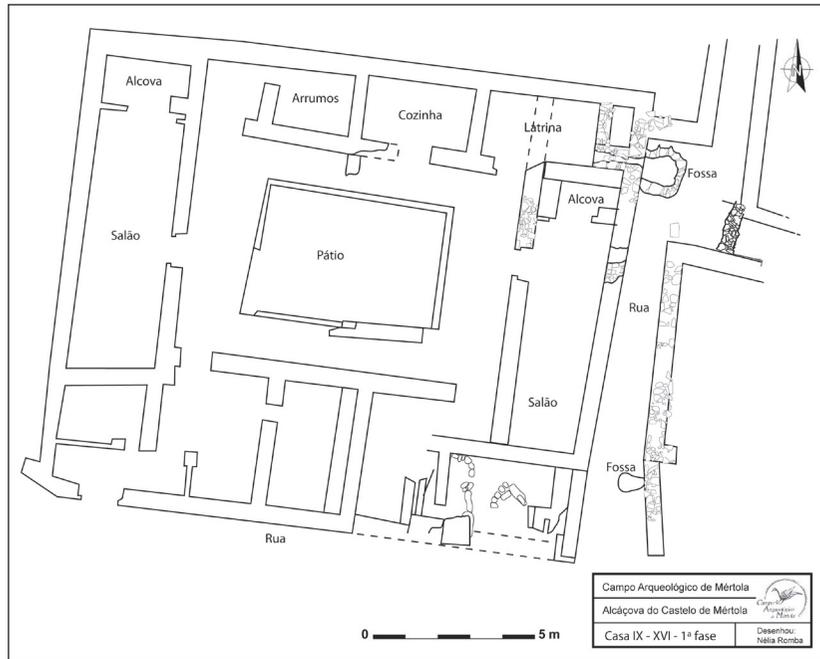


Fig. 2 - Casa XVI - 1ª Fase

trutura: um átrio dividia o exterior e o coração do lar, cujo centro era um pátio descoberto. Através dele, chegava-se a um ou vários salões, com as suas alcovas, à latrina e à cozinha, algumas vezes com áreas diferenciadas para a confecção e para o armazenamento dos alimentos. Trata-se de um modelo de casa que parece ter predominado em todos os espaços urbanos do al-Ândalus ao longo dos séculos XI a XIII e cuja organização não conheceu grandes variações formais (Navarro Palazón 2003).

Contudo, devido às mais recentes escavações, este bairro continua a fornecer-nos informações sobre a sua reorganização durante a sua existência. Nomeadamente, que aqui destacamos, o caso da casa XVI que sofreu diferentes transformações durante a ocupação do bairro. Originalmente tratou-se de uma grande casa, a maior até agora escavada e que terá sido por excelência a casa principal do Bairro, isto no que se refere à sua dimensão. Sofreu grandes alterações, na medida em que inicialmente foi dividida em duas casas e posteriormente, na fase final do bairro, em três habitações distintas.

As casas VIII, IX, XVI, embora se tratem de unidades habitacionais distintas, após as mais recentes escavações, não temos dúvidas que na altura da construção do bairro islâmico estavam integradas num único espaço (casa XVI) da qual a certa altura se autonomizaram espaços para outras habitações. Esta habitação foi compartimentada em duas ocasiões distintas. Primeiro foi dividida em dois espaços, dividindo a casa em duas partes pelo pátio, e só depois numa outra unidade separada (a terceira), a casa VIII. Durante as suas diversas ocupações os espaços adquiriram diversas funções, estando os seus limites delimitados pelo actual corte Sul da escavação, necessitando-se entender ainda alguns dados que só poderão ser explícitos com o alargamento da escavação nesta zona.

Algumas questões ainda ficam por responder, e só o alargamento da área escavada a Sul o poderá explicar. Que formas adquirem as ruas nesta zona? Como se encontram, em cotovelo, em via recta ou no largo do Bairro? As próximas campanhas arqueológicas terão a intenção de esclarecer estas dúvidas.

### CASA XVI – 1ª FASE

A primeira fase da Casa XVI corresponde à Casa IX, numeração que continuamos a utilizar para diferenciar as casas e que se trata de um número sequencial referente à sucessão em que foram sendo encontradas. Nesta primeira fase, na sua origem a qual é contemporânea da construção do bairro, a casa teria uma área que ultrapassava os 200 m<sup>2</sup>, sendo esta a maior casa do bairro, com grande diferença de tamanho em relação às outras escavadas (Fig. 2 e 3). Podemos dizer que pelas suas dimensões e pelo espaço central que ocupa no bairro poderá ter pertencido a algum distinto membro da comunidade (Macias 2005: 86) e não pela sofisticação ou luxo da construção porque neste caso é idêntica a todas as outras já identificadas. Esta compartimentação da casa sugere-nos uma partilha de espaços por vários herdeiros, pela chegada à família de novos membros, de um possível casamento e daí a necessidade de autonomizar uma habitação. Esta casa foi compartimentada em duas ocasiões, criando 3 moradias: primeiro dividiu-se em duas habitações de média dimensão, delimitadas pelo pátio onde terá erguido um muro separador ficando cada uma com um pátio de consideráveis dimensões. Mais tarde foi feita uma nova intervenção e autonomizou-se uma parte da Casa IX (à qua se atribuiu o nº VII). Nesta mesma altura surgiu a necessidade de criar um adarve que facilitasse o acesso à casa IX e à casa XVI, que entretanto tinham ficado autonomizadas da casa VII (Fig. 4).

Na sua primeira fase a casa a Casa XVI teria um grande pátio com um tanque central que terá servido na sua parte final como logradouro para as plantas e não como tanque de água e uma zona de circulação em volta da anterior. O pavimento do pátio era feito com lajes de xisto inclinadas para o centro e possuía em toda a volta um rebordo de 0,20 m que tinha como função o escoamento de água. O pátio tinha também a função distribuidora das restantes áreas da casa.

São consideráveis os seus dois salões com as respectivas alcovas a norte. Apresentam o pavimento argamassado e pintado com almagre. Na zona Norte da casa encontramos um compartimento de arrumos e a cozinha da casa com a respetiva lareira escavada no pavimento. Neste compartimento da cozinha foi encontrado tombado sobre o chão uma pequena parede de adobes de terra, a qual delimitava o compartimento em dois. Nesta mesma zona norte identificámos um espaço, que



Fig. 3 - Casa XVI

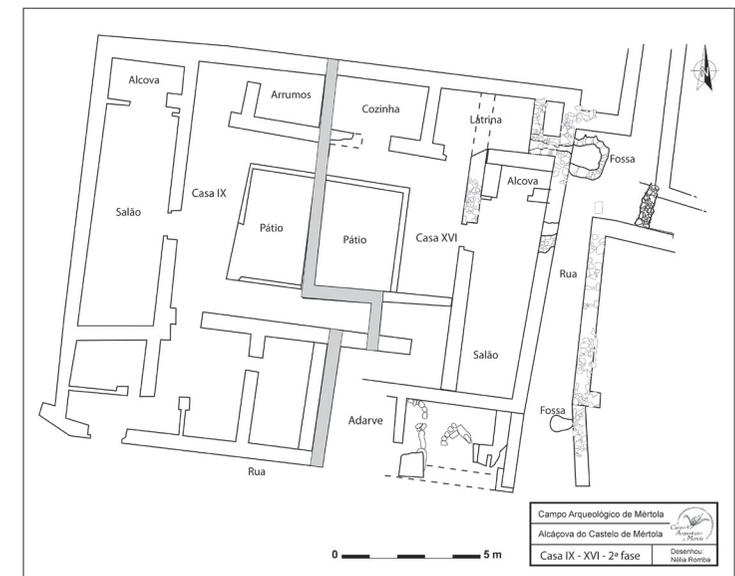


Fig. 4 - Casa XVI – 2ª Fase

também estava dividido em dois, e que se trata da latrina a qual estava diretamente ligada à grande fossa de saneamento. Esta fossa tem dimensões muito superiores (1,05m de diâmetro) às outras já escavadas neste bairro. A grande dimensão desta fossa relativamente à casa permite pensar que os habitantes desta seriam em número superior, isto é, a fossa corresponde à grande dimensão da casa, casas pequenas fossas mais pequenas, casas maiores fossas maiores e isto iremos comprovar mais adiante. A zona sul da casa tinha a entrada e o átrio, e segundo os dados arqueológicos das últimas campanhas possuía mais três compartimentos aos quais hoje não é possível atribuir funções devido ao facto terem sido reestruturados posteriormente.

Note-se que esta casa encontrava-se delimitada a Norte pelas casas X e XIV, a Este e a Sul pela rua e a Oeste com a casa VI, numa zona central do bairro e na confluência de duas ruas.

#### **CASA XVI – 2ª FASE**

Na segunda fase da casa, foi dividida em duas habitações distintas, a casa IX e a casa XVI (Fig. 4). Esta primeira divisão da casa foi realizada pelo pátio, dividindo a casa e tornando-a em duas unidades de habitação distintas e autónomas. A comprová-lo está um muro que corta o pátio na direcção norte-sul, sobrepondo-se ao pavimento em xisto. Este muro, em pedra, não apresenta qualquer abertura, o que nos leva a concluir que houve uma completa separação dos espaços. Trata-se de uma estrutura que teve com função reorganizar um espaço e torná-los independentes e sem acesso entre eles.

Assim, cada habitação ficou com os seus compartimentos, apesar de transformarem uma em duas casas, não as tornou tão pequenas devido ao facto de a casa original se constituir por dimensões consideráveis. Desta forma, a casa IX sofreu algumas modificações, passou a possuir um salão com uma alcova e o que seriam inicialmente os arrumos passou a ser a cozinha. A maior das transformações foi realizada no pátio central com a elevação do muro de divisão, tornado a zona do pátio mais limitada, ficando apenas em forma de “u”. A zona de entrada da casa X ficou a realizar-se pela mesma área, reorganizando-a. Uma das remodelações e autonomizações, mais significativas, realizadas nesta entrada foi a construção

de uma pequena fossa no interior do átrio e possivelmente de uma latrina, que não podemos comprovar arqueologicamente pelas fossas das sepulturas que as destruíram em parte. Assim, desta forma foi criada a autonomia, desta casa, em termos de saneamento.

Por outro lado, a casa XVI foi a que sofreu mais alterações, isto é, em termos de compartimentos e também da entrada da habitação. Neste caso, na zona Sul houve um compartimento que se suprimiu para dar lugar a um pequeno adarve (becos sem saída que teriam um carácter semiprivado) de acesso à casa XVI, entretanto autonomizada. A entrada e átrio, tal como é usual em todas as casas do bairro, também se realiza em cotovelo. Esta casa XVI ficou a utilizar a grande fossa e a sua latrina, a cozinha, o pátio central em “u” e o salão com a sua alcova.

No sector sul da casa XVI, junto à confluência das duas ruas escavou-se um compartimento algo particular e que nos sugere algumas funcionalidades. No entanto, só as futuras intervenções arqueológicas poderão esclarecer algumas das nossas interrogações. Trata-se de um espaço que se terá autonomizado da casa XVI, na sua última fase de ocupação, tornando-se um espaço de trabalho aberto à rua. As evidências da existência de um pequeno forno e de uma forja são diversos, desde a presença de uma grande quantidade de cinzas, carvões, escórias de ferro, pregos de pequenas e médias dimensões, escórias de vidro e fragmentos de xisto e barro queimado. Para além dos materiais, existe uma estrutura semicircular, aberta num dos lados, construída com adobes bem cozidos, ladrilhos e lajes de xisto na qual se realizaria a combustão. No lado esquerdo desta estrutura existia uma outra em lajes de xisto bem afeiçãoadas onde se realizariam os trabalhos finais do trabalho do metal e vidro. Para comprovar isto, ainda é possível ver as marcas dos pingos de vidro e ferro nas lajes existentes no local, bem com as marcas de fogo nas pedras e ladrilhos (Fig. 5). Nos bairros islâmicos do al-Ándalus, como em Múrcia e Almeria, muitas vezes os espaços adquirem, já na última fase, estas funções artesanais (Navarro Palazón *et al.* 2003). Este facto já tinha sido confirmado nas escavações realizadas na Biblioteca Municipal de Mértola, na zona Este, no limite do Bairro. Nesta zona, uma das duas habitações apresenta diversas fases de uma forja de ferro, utilizada na última ocupação da habitação (Palma 2008).



Fig. 5 -Casa XVI – 2ª Fase - Evidências da existência de um pequeno forno e de uma forja.

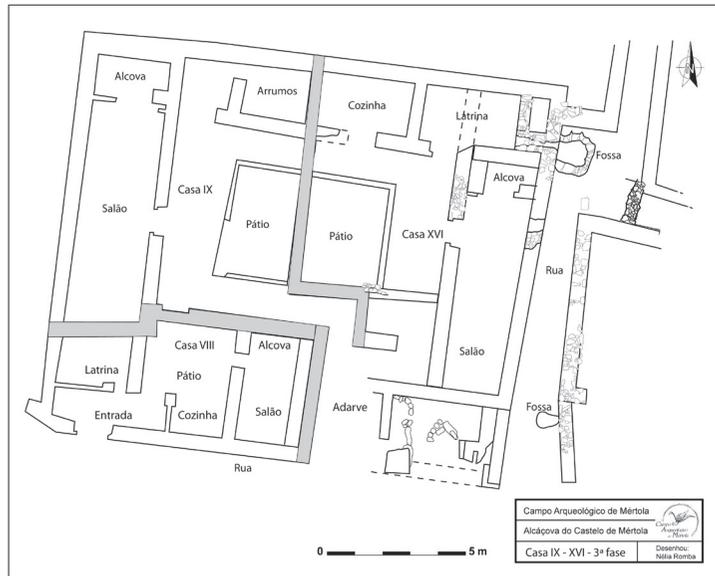


Fig. 6 - Casa XVI – 3ª Fase

### CASA XVI – 3ª FASE

Na terceira fase desta casa, a mesma foi dividida em três habitações distintas. Ocorrendo a autonomização de uma parcela da casa IX. Ou seja, a casa IX ficou sem a parte sul que passou a pertencer à casa VIII. Assim, o acesso à casa passou a realizar-se pelo adarve que também dava acesso à casa XVI. Fechou-se o antigo vão de acesso ao pátio, isolando o mesmo, e abriu-se um novo de acesso ao adarve. Desta forma a casa VIII ficou autonomizada e com acesso direto à rua.

Esta casa situa-se no limite Sul da área até agora escavada, confina a norte com a casa IX, a Oeste com a casa XVI e a Sul com a via pública (Fig. 5). Tendo sido construída e reaproveitada posteriormente fez com que ficasse a uma cota mais elevada, isto é, foram realizadas obras de elevação do piso da habitação. Nesta zona, as sepulturas destruíram muitas das estruturas, sobretudo o pavimento que se encontrava mais elevado. Possui uma área de 42 m<sup>2</sup> e autonomizou-se na última fase da casa, apresentando uma planta retangular, simples e com reutilização de materiais, e também materiais de mais fraca qualidade, como é o caso do pavimento do salão, com uma argamassa com muita pedra de rio e de má consistência. Quanto às funcionalidades da casa, há dúvidas na sua identificação (Macias 2005: 90), no entanto podemos identificar átrio, pátio, cozinha, salão com alcova e latrina. A fossa no interior trata-se de um claro aproveitamento do espaço.

Para este tipo de transformações urbanísticas de aproveitamento dos espaços existentes, existem paralelos no al-Ândalus, nomeadamente, em Pechina, Almeria e Murcia onde as habitações que se transformam em diferentes residências independentes.

### CONCLUSÕES

A área do Bairro Islâmico de Mértola trata-se de um espaço reduzido, no entanto existe desenvolvimento urbanístico, fortemente ocupado como temos vindo a comprovar arqueologicamente. Parece claro que o conjunto urbano da alcáçova foi fruto de um empreendimento concebido de raiz e que passou pelo delinear do seu traçado, a marcação de ruas e a construção de sistemas de saneamento, antes da edificação das casas. “Ortogonalidade, pode ser de mais, no entanto, o

Bairro está longe de ser fruto de um qualquer acaso e se não se pode falar de um planeamento rigoroso não é menos verdade que podemos, com toda a legitimidade, referir-nos a uma organização urbana pensada e estruturada com algum rigor” (Macias 2006).

Toda a zona recentemente escavada na área da casa XVI foi bastante fustigada pelas sepulturas que interferem no espaço condicionando a sua compreensão. No entanto, foi-nos possível constatar que esta casa apesar de não ter grandes luxo nos acabamentos e não se distinguido nesse aspeto de outras casas do bairro permite supor a presença no local de uma família de grandes dimensões, eventualmente de algum representante destacado da comunidade. A divisão desta em três unidades pode ser ter várias interpretações, como sendo a partilha de espaços por vários herdeiros, a chegada à família de novos membros ou até mesmo um casamento do qual se autonomizou uma família. O certo é que este Bairro, a quando da sua construção, possuiu uma habitação de grandes dimensões, destacada das outras pela sua dimensão e pela centralidade que ocupava. Com o correr do tempo e das necessidades familiares, a casa compartimentou-se e deu origem a duas habitações distintas, continuando estas a terem algumas dimensões consideráveis. Já numa última fase, houve necessidade de nova compartimentação, criando uma nova habitação, sendo esta casa mais exígua mas possuindo todas as funcionalidades de uma casa de maiores dimensões.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

Acién Almansa, Manuel. (2001): *La formación del tejido urbano en al-Andalus* in “La casa medieval: de la casa al tejido urbano” (coord. de Jean Passini), Cuenca, Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 11-32.

Cressier, Patrice (ed.). (2000): *El vidrio en al-Andalus*, Madrid, Casa de Velásquez/ Fundación Centro Nacional del Vidrio.

DGEMN. (1953): *Igreja Matriz de Mértola*. Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Ministério das Obras Públicas, nº71.

Gómez, Susana. (2001): “Mértola Islámica, los espacios de vivienda”. In *Actas de las I Jornadas de Cultura Islámica. Almonaster la Real, Huelva, 12-15 de Octubre de 2000*.

- Almonaster la Real: Ayuntamiento de Almonaster la Real, pp. 65-98.
- Gómez, Susana. (coord) (2008): *Alcáçova do Castelo de Mértola 1978-2008: trinta anos de arqueologia*, Mértola: Câmara Municipal.
- Lopes, Virgílio. (2004): *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*, CAM, Mértola.
- Macias, Santiago. (1996): *Mértola islâmica: estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII - XIII)* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Macias, Santiago. (1996): *Mértola islâmica: estudo histórico - arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII - XIII)*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- Macias, Santiago. (2006): *Mértola – o último porto do Mediterrâneo*, 3 vols., Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- Macias, Santiago; Torres, Cláudio; Boiça, Joaquim; Barros, Maria; Gómez, Susana (2011): *Mértola mesquita/Igreja Matriz*, Mértola, Edição do Campo Arqueológico de Mértola.
- Navarro Palazón, Julio y Jiménez Castillo, Pedro. (2003): "Sobre la ciudad islámica y su evolución", en *Estudios de arqueología dedicados a la profesora Ana María Muñoz Amilibia*, Murcia, pp.319 -381.
- Navarro Palazón, Julio y Jiménez Castillo, Pedro. (2007): *Las ciudades de al andalus: nuevas perspectivas*, Zaragoza: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, Conocer Alandalús.
- Palma, M<sup>a</sup> de Fátima; Gómez, Susana; Lopes, Virgílio y Torres, Cláudio. (2008): *Itinerário Cultural - Mértola Nas Rotas Comerciais Do Mediterrâneo: De Cidade Portuária a Vila Museu*, Câmara Municipal de Mértola, (versão em Português e Inglês).
- Palma, M<sup>a</sup> de Fátima; Gómez, Susana (2008), "Níveis Islâmicos da Biblioteca Municipal de Mértola", in *Actas do IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Huelva, Publicaciones Universidade de Huelva, pp. 1390-1315.
- Rodrigues, Clara; Romba, Nélia y Palma, Maria de Fátima. (2013): A Necrópole Medieval e Moderna de Mértola: Arqueologia Funerária, comunicação apresentada no *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* – 29, 30 de Novembro e 1 de Dezembro 2013 - Aroche.

Torres, C. (1995): "Mértola na época islâmica: o espaço doméstico", *Ethnoarchéologie méditerranéenne*, pp. 105-119. Madrid, Casa de Velázquez

**Nota** : Desenhos de Nélia Romba. Fotografias do Arquivo CAM, DGEMN e Maria de Fátima Palma. Tradução de Bruno Almeida.